

Material de apoio ao professor



LIVRO

O Fazedor de Velhos

AUTOR

Rodrigo Lacerda

CATEGORIA 2

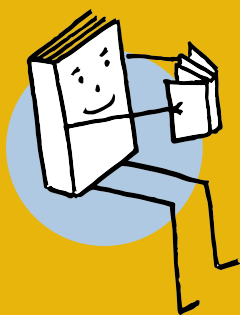
Obras literárias do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

TEMAS

Conflitos da adolescência
Diálogos com a história e a filosofia

GÊNERO LITERÁRIO

Romance



AUTORIA

Rafael Salmazi Sachs
Especialista da Comunidade Educativa
CEDAC

COORDENAÇÃO

Érica de Faria
Coordenadora da Comunidade Educativa
CEDAC

fontANAR

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Adriana Moreira Pedro

Maitê Acunzo Turano

Sumário

Carta ao professor	4
Estrutura do material de apoio	5
Contextualização	6
O autor e a obra	6
Gênero literário e estilo	7
Por que ler essa obra no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental	10
Conversas em torno da leitura dessa obra	13
Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa	15
Atividade 1: Crescer e amadurecer	16
Pré-leitura	16
Leitura	18
Pós-leitura	18
Atividade 2: Literatura e vida	19
Pré-leitura	19
Leitura	20
Pós-leitura	21
Atividade 3: O que são “Fazedores de Velhos”?	21
Pré-leitura	21
Leitura	22
Pós-leitura	23
Possibilidades interdisciplinares	24
Bibliografia comentada	27
Sugestões de leituras complementares	28

Carta ao professor

Cara professora, caro professor,

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, por fornecer múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive. Bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e oferecem ao leitor variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2002, p. 21). Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental uma experiência que toca, atravessa e transforma o leitor — e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, conseqüentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido por especialistas em educação, literatura e didática da leitura, sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. Na produção deste material, houve cuidado de contemplar a análise dos aspectos literários da obra e de propor situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões sobre a obra e seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — nesse caso ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

ESTRUTURA DO MATERIAL DE APOIO

Este material visa apoiar o trabalho com o livro *O Fazedor de Velhos*. As propostas aqui apresentadas são apenas sugestões de encaminhamento para os principais temas da obra e os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura. Ele está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** informações importantes sobre a obra, o autor, o gênero e as características do estilo literário.
- **Por que ler essa obra no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura desse livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora dos estudantes, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).
- **Conversas em torno da leitura dessa obra:** indicações relacionadas às práticas pedagógicas de leitura na escola, considerando as concepções que embasam a formação do leitor e o objeto de ensino da Língua Portuguesa.
- **Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa:** três propostas para encaminhar a apreciação do livro em sala de aula, com atividades organizadas em pré-leitura, durante a leitura e pós-leitura.
- **Possibilidades interdisciplinares:** sugestões para ampliar a apreciação da obra e o aprofundamento dos temas, relacionando com outras áreas do conhecimento.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras citadas no material, com breves comentários.
- **Sugestões de leituras complementares:** lista de materiais que dialogam com os conteúdos e temas abordados na obra e que contribuem para o seu trabalho.

CONTEXTUALIZAÇÃO

O AUTOR E A OBRA

Primeiro romance juvenil do carioca **Rodrigo Lacerda** e quarto de sua trajetória como escritor, *O Fazedor de Velhos* foi lançado pela primeira vez em 2008. O romance foi muito bem recebido tanto pelo público como pela crítica, o que rendeu ao autor o consagrado prêmio Jabuti, categoria Melhor Livro Juvenil, além das premiações da Biblioteca Nacional (prêmio Glória Pondé, nas categorias literatura infantil e literatura juvenil) e da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Não foi a primeira vez que Rodrigo Lacerda foi premiado. Seu livro de estreia, o romance *O mistério do leão rampante* (1995), também foi agraciado com o Jabuti, algo extremamente raro para novos escritores. Tratava-se, porém, de uma publicação bastante distinta de *O Fazedor de Velhos* por abordar temas adultos e apresentar uma linguagem mais rebuscada — como, aliás, é o caso de vários outros livros do autor, que se destaca por sua versatilidade estilística e temática, entre outros aspectos. Suas obras abordam dramas familiares complexos — *Outra vida* (2009) e *A república das abelhas* (2013) —, questões polêmicas — *A dinâmica das larvas* (1996), *Vista do Rio* (2022), além do próprio livro de estreia — ou envolvem reflexões sobre a obra de Shakespeare para jovens — como em *Hamlet ou Amleto?* (2015) —, bem como coletâneas de contos com temas variados — caso de *Reserva natural* (2018).

Além de escritor, Rodrigo Lacerda atua como editor-executivo de uma editora, uma das tantas posições que exerceu no universo dos livros. Sua biografia nos revela que, desde cedo, ele esteve rodeado por livros, já que a família do pai estava ligada às editoras Nova Fronteira e Nova Aguilar, enquanto o avô materno, Flexa Ribeiro, foi um conhecido educador, além de ter fundado uma escola.

Nas entrevistas que concedeu a diferentes veículos de comunicação, o escritor reconhece que o histórico familiar certamente o influenciou em sua trajetória na literatura, já que frequentava os bastidores de editoras de livros desde muito jovem. Ele conta que foi somente ao trabalhar diretamente na empresa da família que se deu conta de que “os escritores não eram seres de outro mundo” — como ele assim os imaginava —, mas sim pessoas comuns, como ele próprio.

Esses elementos já permitem identificar em *O Fazedor de Velhos* alguns aspectos autobiográficos, uma vez que a decisão de se tornar escritor foi a mesma que Pedro, o protagonista, acaba tomando no desfecho da obra. O jovem rapaz tem diversos pontos em comum com Rodrigo Lacerda: as mães de ambos realizavam sessões de

leitura de poesia durante a infância deles; os dois acabaram ingressando na faculdade de história — no caso do escritor, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 1987; igualmente, para ambos, a área mostrou-se pouco interessante quando comparada à profundidade da escrita e da Teoria Literária (área de especialização de Lacerda, mestre e doutor formado na mesma PUC-RJ).

Também vale destacar o fato de que tanto Pedro como o autor receberam de seus pais volumes das *Obras completas* de William Shakespeare e foram profundamente influenciados pelo dramaturgo inglês: no livro, as citações às peças shakespearianas acompanham as reflexões do personagem do início ao fim; na biografia de Lacerda, percebe-se como o bardo inglês está sempre presente em suas falas e, principalmente, em suas obras. Embora reconheça o caráter autobiográfico de *O Fazedor de Velhos*, Lacerda afirma que esse não é um traço específico dessa obra em particular, nem mesmo algo que se restringe a sua própria escrita, pois acredita que toda escrita envolve, de alguma forma, elementos da vida do escritor.

Por fim, convém destacar que, no caso específico de *O Fazedor de Velhos*, o autor fez uma opção consciente por uma linguagem mais leve, admitindo ter sido uma tentativa de produzir algo diferente de tudo o que vinha criando. O tom amigável e íntimo que ele utiliza para dialogar com os jovens leitores tornou-o uma figura presente em eventos de escolas em todo o país, nos quais é convidado a abordar os principais temas da obra: os conflitos sobre a escolha de uma profissão, a passagem do tempo, o amadurecimento, o envelhecimento, o amor e a morte. A boa recepção foi tanta que, anos depois, o escritor resolveu escrever uma continuação: *O Fazedor de Velhos 5.0*, lançado em 2020, em que acompanhamos a vida do protagonista Pedro ao completar cinquenta anos. Trata-se de uma evidência da relevância do primeiro livro, cujas reflexões continuam oferecendo fôlego para discussões e novas publicações ainda hoje, quase catorze anos depois do primeiro lançamento.

GÊNERO LITERÁRIO E ESTILO

Em relação ao gênero, é possível classificar *O Fazedor de Velhos* como um exemplo típico de **romance**. Embora a definição desse gênero já envolva diversas ponderações e discussões acadêmicas, o livro é facilmente reconhecido como tal por se tratar de uma narrativa de ficção em prosa, que se estende por diversos capítulos e que retrata em detalhes os conflitos vividos por seus personagens, bem como a caracterização do entorno, dos contextos social e cultural nos quais os acontecimentos narrados se desenrolam. Nesse sentido, percebe-se uma distinção clara em relação aos gêneros narrativos mais compactos, como o conto, que, por ser mais breve, não

abre espaço para detalhamento de aspectos contextuais, restringindo, em geral, a caracterização do conflito a uma situação específica.

No entanto, *O Fazedor de Velhos* pode ser visto como um subtipo desse gênero literário, pois trata-se de um **romance de formação**. Esse termo remonta ao século XIX, com as reflexões do filólogo alemão Johann Karl Simon Morgenstern: em 1803, ele cunhou a expressão alemã “*Bildungsroman*” (“*Bildung*” significa “educação, processo de formação”; e “*Roman*”, “romance”) para descrever livros que representam o início do percurso de um personagem em seu processo de formação rumo ao aperfeiçoamento da própria personalidade. Adotando uma definição mais contemporânea, Massaud Moisés diz que esse tipo de romance “gira em torno das experiências que sofrem as personagens durante os anos de formação ou educação, rumo à maturidade [...]” (MOISÉS, 2013, p. 56). Em geral, são romances protagonizados por jovens em processo de amadurecimento, cheios de questionamentos e indagações a respeito de quem são e de que papel exercerão na sociedade na qual procuram se inserir.

Esses elementos estão claramente presentes em *O Fazedor de Velhos*: ao longo da obra, a trajetória do protagonista Pedro tem como foco principal seus questionamentos a respeito de quem ele gostaria de ser, bem como as tarefas que o professor Nabuco, seu mentor, oferece como apoio em seu processo de autoconhecimento e amadurecimento. Outro elemento comum aos romances de formação: a figura de um tutor, que apoia o protagonista em seu percurso e que oferece “ritos de iniciação” que lhe ajudam a se integrar ao mundo e à sociedade.

Trata-se de um subgênero que se distingue de romances de aventura (*A Ilha do Tesouro*, de R. L. Stevenson, por exemplo), policiais (como as obras de Agatha Christie) ou, ainda, os de fantasia (como *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien). As diferenças incluem aspectos temáticos, uma vez que os elementos da narrativa — tempo, espaço e tipos de conflito — variam drasticamente entre esses exemplos, mas também aspectos estilísticos, já que as experiências de leitura que esses diferentes tipos de romance buscam oferecer são bastante distintas entre si.

Justamente por abordarem o pertencimento, a busca por um lugar no mundo e os questionamentos a respeito da própria personalidade, dos próprios desejos e valores, os romances de formação costumam envolver leitores mais jovens ou adolescentes de imediato. É o caso de alguns exemplos famosos, como *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger, ou *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Embora, no caso de *O Fazedor de Velhos*, o protagonista do livro já não seja mais um adolescente, os leitores dessa faixa etária podem facilmente se identificar com os conflitos

psicológicos vividos por ele. Além disso, o livro conquista rapidamente o público juvenil também, por conta de algumas escolhas estilísticas.

Destaca-se, em primeiro lugar, o fato de o narrador ser o próprio Pedro. O foco narrativo em primeira pessoa garante ao leitor acesso privilegiado aos pensamentos e sentimentos desse personagem e impõe o registro linguístico utilizado na narrativa: uma linguagem em tom descontraído, informal, pois o jovem personagem parece estar constantemente falando ao leitor da mesma forma que falaria com pessoas de seu convívio em uma conversa casual. Esse tom mais coloquial é um dos maiores atrativos da obra, pois cativa os leitores e intensifica o sentimento de identificação — que já poderia ter sido despertado pelos próprios temas abordados.

Além disso, outro traço estilístico interessante do narrador criado pelo escritor é ser um “narrador-leitor”, tal qual descrito por Donadoni (2016, p. 100) em seu estudo sobre a obra. Desde o primeiro capítulo e ao longo de toda a narrativa, Pedro compartilha com o leitor suas experiências com a literatura, comentando os textos que mais o marcaram e as obras que vai lendo à medida que avança nas tarefas de Nabuco. Seus comentários não são simples citações: as leituras do personagem compõem de maneira significativa o enredo do romance, pois fazem referências ao seu processo de amadurecimento.

Ao longo dos capítulos, há diversos exemplos de intertextualidade explícita, em que se mencionam grandes nomes da literatura em língua portuguesa (como Gonçalves Dias e Eça de Queirós) e, especialmente, as obras de William Shakespeare. O dramaturgo inglês aparece desde o início do livro, quando um volume de suas *Obras completas* é usado por Pedro como recurso para aparentar ser mais velho no aeroporto. E, quando se iniciam os trabalhos com Nabuco, as referências ganham ainda mais destaque, pois uma das tarefas dadas pelo professor ao jovem rapaz é que ele consiga entender a si mesmo a partir da leitura das obras shakesperianas.

Conforme o narrador vai relatando suas experiências de leitura, o texto passa a apresentar um caráter mais reflexivo e filosófico — aspectos reforçados nas conversas dele com Nabuco. É a partir da literatura, portanto, que a profundidade reflexiva de *O Fazedor de Velhos* vem à tona, revelando a importância da leitura em um processo formativo de amadurecimento, além de apresentar os jovens leitores a referências importantes, como é o caso das obras de Shakespeare. Dessa forma, explorar a intertextualidade trabalhada por Rodrigo Lacerda nessa obra constitui um interessante caminho de reflexão e aprofundamento da leitura.

Por que ler essa obra no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

O principal motivo para desenvolver atividades de leitura sobre *O Fazedor de Velhos* nos anos finais do Ensino Fundamental reside nos temas trabalhados na obra: embora o protagonista não seja mais um adolescente, ele acabou de sair dessa fase e está vivenciando, no início de sua vida como adulto, conflitos que são experimentados por qualquer jovem. A leitura e a discussão a respeito desses **conflitos da adolescência** podem promover — pela via da identificação reflexiva entre os leitores e a obra — possibilidades de diálogo, reflexões e desenvolvimento de aspectos da vida pessoal, profissional e afetiva.

O principal conflito experimentado por Pedro diz respeito à busca por seu papel no mundo. Ao se questionar sobre sua escolha profissional — crise iniciada quando ele não se viu entusiasmado como seus colegas do curso de história —, Pedro claramente busca aprofundar-se no conhecimento de sua própria subjetividade e também entender como, em sua singularidade, pode se inserir na sociedade. Por isso, consideramos que a leitura de *O Fazedor de Velhos* contempla as competências gerais 3, 6 e 8 da Educação Básica mencionadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que tratam de valorização e fruição de manifestações artísticas, projeto de vida e autoconhecimento.

Em relação à competência 3*, o próprio livro consiste numa **manifestação artístico-literária** cuja fruição em si mesma deve ser valorizada. A obra também estimula o contato com outras produções culturais, sobretudo por recorrer constantemente à intertextualidade, mencionando de modo especial a obra de Shakespeare, além de valorizar o teatro e o cinema para o desenvolvimento pessoal e para a reflexão sobre diversos temas humanos. Aqui também se evidencia outro tema bastante central na obra: o **diálogo com a história e a filosofia**, já que as referências a Shakespeare amparam a constante busca do protagonista por reflexões a respeito de questões existenciais profundas, como a relação entre indivíduo e sociedade, ou a passagem do tempo e seus efeitos em nossa vida.

* 3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural (BRASIL, 2018, p. 9).

Nesse mesmo sentido, a competência 6* enfatiza a importância de conhecimentos e experiências para que os estudantes possam elaborar um projeto de vida, elementos que podem ajudar na reflexão sobre questões relacionadas à identidade pessoal e ao papel que gostariam de assumir no mundo, levando-os a idealizar uma trajetória existencial própria e o tipo de sociedade que desejam construir. Trata-se do processo que Pedro vive em *O Fazedor de Velhos*: por meio das tarefas dadas pelo professor Nabuco, as quais incluem um mergulho na literatura, o protagonista vai progressivamente se apropriando de saberes e experiências que o auxiliam na compreensão de si próprio, de sua inserção no universo profissional, ajudando-o a refletir sobre suas escolhas com maior autonomia e criticidade. Dessa forma, acredita-se que, por meio da leitura e das discussões a respeito dos dilemas vividos por Pedro, os estudantes possam entender como as questões do personagem se apresentam em sua própria vida.

O livro também permite um trabalho com a competência 8**, que versa sobre o autoconhecimento, pois mobiliza os leitores a refletir sobre si mesmos. Por meio da identificação com o protagonista e suas questões, os adolescentes serão levados a pensar sobre as próprias escolhas, preferências e caminhos que desejam seguir. No diálogo com os colegas sobre o livro, poderão ainda tomar contato com escolhas e preferências diferentes das suas, o que fomenta possibilidades de reconhecimento da diversidade humana, como enunciado no texto da BNCC.

Além das competências gerais mencionadas, a competência específica 9 de Linguagens*** para o Ensino Fundamental prevista pela BNCC também é contemplada. A leitura de *O Fazedor de Velhos* oferece possibilidades múltiplas de **fruição literária**, não apenas por promover a literatura em si mesma, como também por permitir aos leitores o compartilhamento de suas experiências pessoais e interpretações

* 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2018, p. 9).

** 8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas (BRASIL, 2018, p. 10).

*** 9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BRASIL, 2018, p. 87).

particulares a respeito da obra. Isso porque o personagem vive, ele próprio, uma experiência de humanização por meio da literatura, relatada de tal modo que pode instigar os estudantes, pela via da identificação, a refletir sobre os próprios conflitos a partir daqueles retratados no livro, e a dialogar com seus pares com base na narrativa.

Nesse sentido, há em *O Fazedor de Velhos* todas as condições para que se criem contextos de leitura que privilegiem a interpretação e a fruição em seu sentido mais profundo. Tal perspectiva oferece ao leitor possibilidades de desenvolver sua relação com a literatura, especialmente quando:

A capacidade de interpretar textos pode aumentar indefinidamente quando se deixa de considerá-la do ponto de vista da simples decodificação e se passa a incluir o progresso do leitor na velocidade e na eficiência seletiva, na ativação mental para a nova relação da nova informação com seus conhecimentos anteriores, na capacidade de desfrutar esteticamente, de distanciar-se do texto para adotar uma perspectiva crítica etc. (COLOMER, 2002, p. 62).

Finalmente, é preciso considerar a relação de Pedro com o professor Nabuco, que nos leva a refletir sobre amadurecimento e passagem do tempo, contemplando o Tema Contemporâneo Transversal **processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso**. O enredo incentiva questionamentos sobre o que significa envelhecer, em especial com a história do personagem Nabuco, que vive um processo de adoecimento físico. A valorização da sabedoria desse personagem e a forma como ele, Pedro e Mayumi se relacionam com a doença e a questão da morte possibilitam trabalhos e discussões sobre o tema.

Por todos esses aspectos, *O Fazedor de Velhos* é uma escolha de leitura muito propícia para os anos finais do Ensino Fundamental, principalmente pela forma como associa os conflitos típicos da adolescência à história e à filosofia, por meio de Shakespeare, amplificando a experiência com a literatura em suas dimensões estética e reflexiva. Para aproveitar de maneira mais consistente todo esse potencial, é fundamental tomar ambos os aspectos como principais chaves de leitura da obra, de modo a incitar a percepção dos leitores.

Conversas em torno da leitura dessa obra

A leitura de *O Fazedor de Velhos* não oferece dificuldades de compreensão textual aos estudantes. No entanto, cabe a nós, professores, oferecer condições para que eles possam aproveitar ao máximo o potencial de aprofundamento reflexivo da obra.

Por isso, propõe-se que as atividades em torno do livro sejam realizadas, sempre que possível, em momentos de discussão coletiva. Para isso, organizar ao longo do processo de leitura encontros periódicos, nos quais os estudantes fiquem dispostos em roda para compartilhar suas experiências de leitura em relação a trechos do livro ou aspectos temáticos selecionados para o trabalho em cada ocasião.

A experiência de leitura literária pode ser enriquecida por uma abordagem dialógica, em que se promova o compartilhamento de percepções, inquietações, dúvidas e reflexões derivadas da experiência individual de leitura. Esse pressuposto está em consonância com diversas pesquisas teóricas recentes a respeito do trabalho com leitura, como as da catalã Teresa Colomer:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque é possível beneficiar-se da competência do outro para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências acumuladas mútuas [...] (COLOMER, 2007, p. 143).

Para que tal dimensão socializadora possa efetivamente se consolidar, é fundamental estabelecer com os estudantes alguns pactos que favoreçam o sentimento de solidariedade e a construção coletiva de um espaço livre e igualitário em que as vivências de cada um em torno da leitura possam ser compartilhadas de modo tranquilo e respeitoso. Há, nesse sentido, alguns cuidados mínimos a adotar, com consequências bastante significativas para o processo de trabalho: primeiro, é importante que a estruturação do espaço e das dinâmicas de discussão favoreçam a circulação livre da palavra e transmitam aos leitores a sensação de que a experiência de cada um, em torno da leitura, é igualmente importante.

Por isso, propõe-se a organização de rodas de conversa, no sentido literal do termo, em que os estudantes sejam dispostos em círculo. Idealmente, sugere-se que

você também participe do círculo na mesma posição que os estudantes, para que sua experiência leitora, no momento da conversa, não seja imposta à turma como interpretação “mais correta”, e sim como apenas mais uma das participações no sentido da construção coletiva de experiências em torno da obra.

Ainda nesse sentido, é importante combinar previamente o objeto da discussão de cada encontro — um recorte específico da obra lida —, de modo que todos possam partir da leitura dos mesmos segmentos da obra nesses momentos de compartilhamento. De acordo com as possibilidades de tempo, planejamento e cronograma, é possível pedir aos estudantes uma leitura prévia de um ou mais capítulos do livro antes de cada encontro; é possível, ainda, sugerir uma questão temática norteadora que oriente as reflexões em torno do trecho lido, convidando os estudantes a trazer, para cada roda, anotações a respeito dessa questão reflexiva, bem como os registros de trechos que tenham lhes chamado a atenção.

Finalmente, no momento das discussões, é importante permitir que a palavra circule ao máximo entre os estudantes e apenas observar como a discussão evolui, abrindo mão da função de classificar determinadas interpretações como mais ou menos “corretas”. Sugere-se, pelo contrário, cancelar a diversidade de percepções dos estudantes, de modo que eles sejam estimulados a pensar cada vez mais de maneira independente a respeito da própria experiência leitora. Assim, mais do que apenas “corrigir” o estudante, o professor apoia-se no questionamento e no debate como instrumentos privilegiados também para a discussão das interpretações menos consistentes.

Trata-se, pois, de uma proposta que está em consonância com as habilidades específicas apresentadas pela BNCC para o trabalho com o campo artístico-literário no segmento em questão, como a habilidade EF69LP46*, que reforça a importância de práticas de compartilhamento de leitura, nas quais se tecem comentários sobre uma determinada obra.

* EF69LP46 Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, *fanzines*, *e-zines*, *fanvídeos*, *fanclipes*, *posts* em *fanpages*, *trailer* honesto, vídeo-minuto, entre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs (BRASIL, 2018, p. 157).

Por sua temática reflexiva, espera-se que as dinâmicas de roda de leitura em torno de *O Fazedor de Velhos* possam oferecer boas possibilidades de aprofundamento das questões trazidas pelo protagonista — questões a respeito da experiência do amadurecimento, da passagem do tempo, do amor, da escolha profissional e da morte. Espera-se, também, que esse tipo de abordagem propicie a construção coletiva de um espaço de compartilhamento de vivências dos estudantes, para que seus conflitos da adolescência sejam mediados pela experiência da leitura.

Nessas rodas de conversa, é possível criar oportunidades para analisar aspectos estilísticos importantes da obra, especificamente a intertextualidade, já que a percepção de relações entre o livro e as demais obras que ele menciona poderia ser potencializada pelo compartilhamento de diferentes leituras, pontos de vista e repertórios de leitura. Alguns estudantes que já conheçam a obra de Shakespeare, por exemplo, poderiam compartilhar seus conhecimentos com os demais colegas, de modo a enriquecer, a partir daí, as possibilidades de interpretação sobre a forma como esses textos são integrados ao enredo de *O Fazedor de Velhos*. Também é interessante que o grupo reflita sobre como cada um experimentou a presença da intertextualidade no livro durante a leitura, para que se possa discutir coletivamente a respeito dos efeitos variados que o uso desse recurso pode provocar nos diferentes leitores.

Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa

Considerando a proposta de construção coletiva de sentidos e reflexões em torno da leitura da obra, sugerem-se algumas atividades que podem contribuir para esse processo, privilegiando a constituição de um espaço de leitura compartilhada dos estudantes. As rodas de discussão se apresentam como instrumento privilegiado para essas atividades, e você pode fazer as adaptações que julgar necessárias ao desenvolvimento de cada etapa do processo.

Nas propostas de apoio à pré-leitura, sugerimos atividades de constituição de repertório que possam auxiliar os leitores no desdobramento de suas reflexões e interpretações sobre *O Fazedor de Velhos*. As propostas incluem pesquisas sobre o gênero da obra (romance de formação), sobre o autor mais referenciado ao longo

dos capítulos (William Shakespeare) e sobre um dos aspectos temáticos centrais para o texto (a questão da passagem do tempo e do amadurecimento). Caso perceba outros aspectos importantes à constituição de repertório prévio à leitura, você pode também adaptar as atividades, de modo a contemplar melhor as necessidades de seu grupo de estudantes.

Para as atividades de leitura em si, sugerem-se provocações que possam conduzir discussões a respeito das **chaves de leitura** centrais da obra: os conflitos ligados ao amadurecimento e o papel da literatura no enfrentamento desses questionamentos. O objetivo é que a leitura da obra possa efetivamente promover reflexões para além de suas páginas.

Finalmente, como atividades de pós-leitura, as sugestões incluem uma experimentação criativa, de modo que os estudantes sejam convidados a produzir peças literárias ou analíticas em que destaquem, de maneira singular e coletiva, as próprias reflexões a respeito dos elementos abordados nas discussões. Com isso, inclui-se a dimensão da produção de textos e também da experimentação de formas de expressão artística como um dos focos de trabalho com a leitura deste livro, contemplando a competência geral 4* da BNCC, que trata de diferentes linguagens.

ATIVIDADE 1: CRESCER E AMADURECER

PRÉ-LEITURA

Este conjunto de atividades tem por objetivo realçar, a partir da leitura da obra, a questão do amadurecimento. Para preparar a conversa a esse respeito, sugere-se uma atividade prévia ligada ao gênero, de modo que, ao iniciar a leitura propriamente dita, os estudantes possam reconhecer em *O Fazedor de Velhos* alguns traços típicos dos romances de formação.

A proposta consiste em duas etapas: um momento de reconhecimento e uma pesquisa. Com a intenção de valorizar os conhecimentos prévios dos jovens leitores acerca dos romances de formação, sugere-se indagá-los a respeito de histórias que, na opinião deles, retratem o processo de amadurecimento de um personagem.

* 4. Utilizar diferentes linguagens — verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital —, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BRASIL, 2018, p. 9).

Pode-se perguntar, por exemplo, se conhecem alguma história em que o protagonista seja jovem e vá crescendo ou se desenvolvendo ao longo do enredo. Nesse momento, menções a narrativas não literárias (filmes, séries, jogos eletrônicos) podem surgir, e recomenda-se que todas sejam aceitas como forma de encorajar a participação livre dos estudantes.

Após essa primeira rodada, pode ser interessante apresentar uma definição de “romance de formação” para auxiliar os estudantes na percepção de que, na literatura, histórias como as mencionadas por eles consistem num subtipo específico de narrativa, que existe desde o século XVIII e que tem como particularidade o relato do processo de desenvolvimento pessoal de um jovem protagonista. Pode ser conveniente aproveitar esse momento para retomar alguma forma de definição de “romance”, que eles já devem ter visto em momentos anteriores da trajetória escolar, mas que talvez não esteja tão clara ou sistematizada para todos. Uma definição mais simplificada foi apresentada na seção “Contextualização”, a qual pode ser utilizada para construir uma apresentação do gênero aos estudantes. Nesse momento, seria interessante contrapor os romances a outras formas narrativas mais compactas, como o conto.

Assim, pode-se sugerir aos adolescentes que façam uma pesquisa, em grupos, para identificar alguns elementos típicos de romances de formação. A pesquisa pode ser por títulos clássicos desse gênero, de modo que eles se reúnam e discutam informações básicas sobre autor, época de publicação e resumo do enredo, o que pode ocorrer em parceria com a biblioteca ou por meio da internet, dependendo da disponibilidade. Uma vez concluídas as pesquisas, é interessante promover um momento de compartilhamento dos resultados, para que os estudantes busquem identificar elementos comuns entre as obras pesquisadas.

Caso as limitações materiais tornem o processo de busca autônoma dos estudantes algo inviável, o próprio professor pode oferecer alguns exemplos de romances de formação, com comentários sobre seu enredo, para que os jovens identifiquem os traços comuns. O essencial é que possam perceber os aspectos mais recorrentes do gênero, como a presença de um protagonista jovem, os conflitos relativos à busca por um lugar no mundo, as dificuldades em relação à inserção na família ou na sociedade, a tentativa de constituir vínculos (de amizade, amorosos etc.), o questionamento a respeito dos próprios desejos e interesses, e o envolvimento de um ou mais tutores, mais experientes, que procuram guiar o protagonista em seu processo. Os resultados podem ser registrados em algum espaço coletivo, de modo que possam ser retomados posteriormente no momento da leitura.

LEITURA

Um dos fios temáticos que pode pautar o trabalho de leitura da obra parte justamente de sua filiação ao gênero romance de formação, já que ele contempla o tema do amadurecimento. Nesta atividade, sugere-se que as dinâmicas de discussão em roda sejam focadas nessa questão temática, levando os estudantes a refletir sobre o assunto a partir de diferentes momentos do enredo.

Antes de cada momento de discussão, recomenda-se a leitura prévia de determinados segmentos da obra. Ao iniciar o trabalho, sugere-se apresentar *O Fazedor de Velhos* como um romance de formação contemporâneo; em seguida, peça que leiam, por exemplo, os três primeiros capítulos, que devem constituir o foco da primeira roda de discussão. Nesse momento de leitura compartilhada, é possível analisar as percepções dos jovens a respeito do discurso de formatura feito pelo professor Nabuco, que aborda diretamente a questão da passagem do tempo. De maneira semelhante, a leitura dos três capítulos seguintes, por sua vez, pode suscitar outras questões ligadas ao amadurecimento, com foco na crise de Pedro relativa à escolha profissional.

Definir quantos capítulos serão lidos antes de cada roda de discussão depende de fatores como disponibilidade de tempo ou maturidade evidenciada por cada grupo de estudantes. No momento da roda, apresentar à turma algumas perguntas reflexivas, mais abertas, pode ser bastante produtivo e instigante. Sugerem-se questões como: O que significa amadurecer no trecho lido? Qual o sentido da sugestão dada pelo professor Nabuco quando ele diz “sejam amigos do tempo”? É possível envelhecer sem amadurecer? etc.

A cada momento de discussão, é importante pedir aos estudantes que justifiquem suas colocações com base no enredo da obra, de modo a levá-los a aprofundar suas percepções de como a literatura auxilia esse tipo de reflexão. Outro procedimento interessante pode ser a retomada, ao fim do livro, de questões levantadas no início do processo, para que possam revisitar aspectos de sua compreensão que vão se desenvolvendo à medida que o texto avança.

PÓS-LEITURA

A fim de consolidar as reflexões levantadas no processo dialogado de leitura a respeito do amadurecimento, os estudantes podem discutir, após a leitura do livro, a questão: O que significa amadurecer?. Pode-se promover essa discussão em roda, como proposto em momentos anteriores, ou sugerir que registrem suas percepções individuais por escrito, com o objetivo de oferecer um espaço de singularidade para a consolidação da resposta à questão.

Essa reflexão final pode ainda culminar em uma experiência de escrita criativa na qual os próprios estudantes formulam uma narrativa com o tema do amadurecimento, aos moldes dos romances de formação. Para tanto, sugira que escrevam um conto — de maneira simplificada, pode-se pedir uma narrativa curta e não dividida em capítulos — que trate da questão do amadurecimento e dos efeitos da passagem do tempo sobre um personagem específico.

Sugere-se oferecer aos estudantes algumas questões norteadoras para que iniciem a produção dos textos: Que tipo de personagem desejam criar? Qual será o conflito que o levará a amadurecer? Como ele vai enfrentar esse conflito? Como esse protagonista será apresentado no início e como ficará ao final da história? Outra opção é oferecer à turma objetos culturais que despertem reflexões sobre a passagem do tempo, como fotografias de pessoas idosas, imagens de obras de arte, letras de música etc.

Ao final do processo criativo, os textos podem ser lidos coletivamente em um momento de compartilhamento das produções e também podem ser reunidos em um livro de contos produzido pela turma ou disponibilizados em uma plataforma digital da escola, se houver, para que todos tenham acesso às narrativas dos colegas, reforçando assim o aspecto coletivo proposto para as discussões a respeito da obra.

ATIVIDADE 2: LITERATURA E VIDA

PRÉ-LEITURA

O segundo conjunto de atividades propõe focar a intertextualidade, recurso que perpassa toda a leitura de *O Fazedor de Velhos*, especialmente as referências às obras de William Shakespeare. Por isso, como atividade anterior à leitura, propõe-se uma apresentação do famoso dramaturgo inglês e o comentário de uma ou algumas de suas peças mais conhecidas.

Esse contato com a obra shakesperiana pode se dar por meio de uma pesquisa na biblioteca da escola ou na internet sobre Shakespeare e suas principais peças, para que a turma tome conhecimento do significado que a produção desse autor tem para a literatura mundial. Outra possibilidade, dependendo dos recursos disponíveis, é promover a leitura de resenhas das peças mais famosas do dramaturgo, algumas das quais têm sido reeditadas e, por isso, têm aparecido em análises críticas de jornais e revistas, por exemplo.

Quaisquer que sejam os encaminhamentos nesse sentido, sugere-se conduzir as atividades para momentos de compartilhamento coletivo dos achados dos ado-

lescentes, de modo que, juntos, possam adquirir conhecimentos prévios a respeito de Shakespeare. Esses conhecimentos poderão auxiliá-los, no momento da leitura, a perceber as relações que *O Fazedor de Velhos* estabelece com as produções shakespearianas. Nesse sentido, vale a pena orientar as discussões e pesquisas para que contemplem a profundidade psicológica dos personagens de cada peça. Uma das formas de fazer isso é promover não apenas a pesquisa sobre as peças, mas a própria leitura de uma delas. Recomenda-se, por exemplo, a tragédia *O Rei Lear*, por ser a mais mencionada nessa obra de Rodrigo Lacerda.

LEITURA

Nesta proposta de atividade, sugere-se enfatizar a força da literatura para a construção da narrativa de *O Fazedor de Velhos* e para o amadurecimento do protagonista no enfrentamento de seus conflitos. Para tanto, pode-se iniciar o trabalho com a leitura e a discussão coletiva dos dois primeiros capítulos do livro, com base em questões que levem os jovens a perceber a presença dos livros e seu efeito na vida do personagem.

Duas perguntas interessantes para formular aos adolescentes, por exemplo, seriam as seguintes: Você acha que as sessões de leitura de poesia tiveram alguma influência sobre Pedro? É possível que um livro envelheça uma pessoa? Após a leitura desses dois capítulos, que pode ocorrer em classe ou ser feita previamente, vale a pena lançar essas questões para que as diferentes respostas, com as respectivas justificativas, sejam discutidas de forma coletiva.

A partir daí, é provável que os estudantes construam hipóteses de leitura que os remeterão a pensar sobre o título da obra e sobre os diferentes sentidos da palavra “envelhecer”. Uma maneira de dar prosseguimento a esse trabalho, à medida que a leitura avança pelos capítulos seguintes, é continuar alternando momentos de leitura com rodas de discussão em que os estudantes sejam convidados a refletir sobre a importância das obras de Shakespeare no amadurecimento do protagonista. Pode ser válido lhes perguntar por que acham que Nabuco indica as leituras de Shakespeare a Pedro ou mesmo pedir que estabeleçam relações entre as obras mencionadas e os conflitos do personagem.

Também seria interessante promover um trabalho semelhante ao que Pedro faz quando decide traçar o perfil psicológico de cada personagem das peças. Pode-se pedir que, ao longo da leitura, os adolescentes procurem traçar o perfil psicológico dos personagens de *O Fazedor de Velhos*, indicando qual papel a literatura parece ter na vida deles nos diferentes momentos do enredo. O desfecho do romance ofe-

rece possibilidades de conversa nesse sentido, a partir da descoberta de que Pedro provavelmente se tornará escritor. A respeito dos personagens, pode-se, portanto, perguntar aos estudantes que características de personalidade atribuiriam aos diferentes personagens — em especial, Pedro, Nabuco e Mayumi —, pedindo que justifiquem suas anotações a partir de elementos do enredo. Outras perguntas que podem ser feitas: Que papel a literatura parece ter para Pedro, Nabuco e Mayumi? No caso de Pedro, essa valorização dos livros permanece a mesma ao longo do livro?

PÓS-LEITURA

Como estratégia de fechamento de leitura, recomenda-se que os estudantes produzam, individualmente ou em pequenos grupos, uma resenha crítica sobre a obra. Para isso, é importante ler com os adolescentes alguns exemplos de resenhas, tomando-as como base para elucidar as principais características desse gênero, de modo a oferecer algum repertório mínimo para a produção textual.

Ao orientar a escrita, convém esclarecer que o principal objetivo das resenhas críticas é, *grosso modo*, fazer uma breve apresentação de uma obra, associada a um comentário crítico sobre aspectos centrais de sua constituição. Além disso, as resenhas são textos de divulgação cultural e que, portanto, pressupõem um público-alvo para o qual recomendam ou desencorajam a leitura de determinada obra. Dessa forma, é necessário levar os estudantes a pensar que aspectos de *O Fazedor de Velhos* o tornam mais ou menos recomendável a determinados públicos, de modo que possam organizar as próprias resenhas a partir desse ponto.

Além de uma rodada de compartilhamento das resenhas entre os estudantes, você pode pensar em outras estratégias de valorização dos textos produzidos, como a construção de um folheto de divulgação de *O Fazedor de Velhos* que reúna, por exemplo, algumas dessas resenhas. Podem-se, ainda, estimular propostas de transposição dos textos escritos para outras linguagens, como vídeos (*booktubes*) ou *banners* digitais, por exemplo.

ATIVIDADE 3: O QUE SÃO “FAZEDORES DE VELHOS”?

PRÉ-LEITURA

Esta sequência de atividades sugere trabalhar o tema do amadurecimento com base nas reflexões, constantes ao longo do livro, a respeito da passagem do tempo e de seus efeitos — concretos e simbólicos — sobre todos nós. Para tanto, no momento

de pré-leitura, sugere-se uma discussão coletiva a respeito do mito grego do titã Cronos, o Tempo, que devorava seus filhos assim que nasciam. Com isso, pode-se antecipar uma das discussões fundamentais do livro a partir de uma outra narrativa, criando oportunidades de ampliar o repertório leitor e incentivar reflexões sobre o tema.

A apresentação do mito pode se dar de diversas formas: você pode contar a história de Cronos à turma, caso se sinta suficientemente familiarizado com ela; pode, ainda, sugerir que os jovens façam pesquisas na biblioteca ou na internet; e caso haja disponibilidade de recursos, mostrar aos adolescentes imagens famosas desse deus nas artes plásticas, como o famoso quadro *Saturno devorando um filho*, de Francisco Goya, que pode ser facilmente encontrado em diversos repositórios digitais gratuitos ou em livros de arte.

Qualquer que seja o encaminhamento, sugere-se como foco principal a discussão sobre o sentido metafórico que pode ser atribuído à afirmação de que “Cronos, o Tempo, devora seus filhos”. Assim, após a leitura ou o reconto desse mito, você pode propor as seguintes questões aos estudantes, para que discutam coletivamente: Considerando que “cronos”, em grego, significa “tempo”, de que maneira o tempo pode ser caracterizado nesse mito? Em sua opinião, o que essas características podem indicar a respeito da passagem do tempo? Trata-se de algo visto como positivo ou negativo? E você considera o tempo um aliado ou um inimigo? Por quê?

A partir dessa reflexão, espera-se que os jovens se sensibilizem com as discussões a respeito da passagem do tempo e seus efeitos, muitas vezes vistos como corrosivos ou deletérios sobre diferentes aspectos da existência humana. Espera-se, ainda, que façam a leitura de *O Fazedor de Velhos* já com alguma opinião prévia, tecendo e reconhecendo seus próprios sentimentos a respeito do tema.

LEITURA

Um dos aspectos que mais despertam a curiosidade do leitor pela obra de Rodrigo Lacerda é seu título: o que significa, afinal, a expressão “Fazedor de Velhos”? Ao iniciar a leitura da obra, os estudantes certamente farão essa pergunta, senão ao professor, ao menos a si mesmos. Dessa forma, sugere-se que as atividades de leitura comecem daí: do questionamento a respeito do sentido do título do livro, de modo que os estudantes possam construir juntos suas hipóteses de leitura.

Conforme a leitura for avançando, podem-se propor rodas de discussão semelhantes em diversos momentos do enredo. O discurso de formatura de Nabuco é um deles; o momento em que Pedro reflete sobre Rei Lear, outro; o mesmo se pode di-

zer dos capítulos que relatam o enamoramento do rapaz por Mayumi e o drama de perceber que ela irá embora em breve, ou ainda a consciência a respeito da doença do professor e da proximidade de sua morte. Sugere-se aproveitar esses momentos para promover conversas para que os estudantes reflitam sobre o sentido dessas experiências para os personagens, retomando as hipóteses que fizeram inicialmente a respeito do título. Algumas questões interessantes para esses momentos podem ser: O que esse momento do enredo permite refletir a respeito da passagem do tempo? Em sua opinião, o amor entre Pedro e Mayumi será capaz de vencer o tempo que passarão separados? Há acontecimentos na vida que nos fazem sentir mais velhos? O que é amadurecer e o que pode nos tornar mais maduros?

Crucial será, nesse processo, o momento específico em que o professor Nabuco apresenta a Pedro a sua definição de “Fazedor de Velhos” a partir de uma lembrança de uma situação com sua afilhada. Ao discutir esse capítulo, sugere-se explicitar que a interpretação dada pelo personagem não precisa invalidar outras que os jovens já tenham formulado coletivamente. Todos esses momentos de discussão, aliás, são bastante propícios à construção da percepção de que a literatura oferece, sempre, múltiplas interpretações, que não estarão mais ou menos corretas por divergirem entre si. Para esse momento, por exemplo, valeria perguntar aos estudantes: Essa interpretação dada por Nabuco é a mesma que você havia formulado no início da leitura? Você concorda com a definição dele para a expressão “Fazedor de Velhos”?

Pode ser interessante sugerir que os jovens registrem as reflexões de cada encontro de discussão por escrito. Assim, ao final do processo, poderão retomar as próprias anotações e perceber como o processo interpretativo se desenvolve conforme a leitura de uma obra avança. Mais ao final do livro, pode ser interessante sugerir as seguintes perguntas aos adolescentes: Quais (e quem) são os “Fazedores de Velhos” apresentados na obra? Que personagens ou acontecimentos do enredo tornam os personagens mais maduros? Por quê? Vale pedir que justifiquem por escrito suas respostas e, posteriormente, compartilhem suas percepções com os colegas.

PÓS-LEITURA

Como estratégia de síntese das discussões a respeito da passagem do tempo e dos diferentes “Fazedores de Velhos” que a obra de Rodrigo Lacerda apresenta, sugere-se que os estudantes construam um mural coletivo em que indiquem quais são, em sua opinião, os elementos da vida que mais funcionam como “Fazedores de Velhos”.

A construção do mural coletivo começa com uma etapa individual, em que cada estudante faz seus próprios registros a respeito das pessoas, objetos e situações que,

em sua percepção, o levou a se sentir mais amadurecido. Em seguida, sugere-se promover uma rodada de compartilhamento dessas respostas, para que se analisem as recorrências e as diferenças. Após essa conversa, pode-se confeccionar o mural propriamente dito — o qual pode ser pensado também para suportes digitais, dependendo dos recursos disponíveis.

Como título, sugere-se a pergunta: O que é um “Fazedor de Velhos”? Com a apresentação dos componentes do mural (imagens, textos etc.) como possíveis respostas a essa pergunta. Recomenda-se que as respostas sejam acompanhadas de breves explicações em que cada estudante justifique sua escolha, explicitando por que o elemento mencionado poderia ser um “Fazedor de Velhos”, a partir das reflexões amparadas na leitura do livro. Trata-se, portanto, de uma atividade que promove tanto a síntese de aspectos discutidos ao longo da leitura quanto a integração entre as experiências de leitura e a própria vivência dos adolescentes.

Possibilidades interdisciplinares

As menções constantes às peças de Shakespeare em *O Fazedor de Velhos* oferecem oportunidade para um trabalho interessante com o componente curricular Arte, em que a experimentação artística, em suas diferentes manifestações, é elemento fundamental. Com efeito, na caracterização do ensino de Arte, a BNCC apresenta o teatro como uma das unidades temáticas ao redor das quais se agrupam objetos de conhecimento e habilidades específicas.

Dessa forma, pode-se pensar em propostas de trabalho com teatro, utilizando como base a obra de Rodrigo Lacerda para, por exemplo, estimular os estudantes a criar suas próprias apresentações teatrais. O trabalho pode se vincular, por exemplo, à proposta de pré-leitura que inclui a pesquisa sobre Shakespeare e desenvolver, a partir daí, uma reflexão sobre o teatro moderno em si. Além de estimular os estudantes a desenvolver mais pesquisas a respeito do tema, os professores envolvidos podem também encaminhar a criação de uma adaptação de *O Fazedor de Velhos* para o teatro.

O trabalho levaria os estudantes a pensar coletivamente nas diferentes etapas que compõem a criação de uma peça, o que os estimularia também a perceber as especificidades linguísticas de uma narrativa teatral (em comparação à do romance, por exemplo) e os aspectos práticos de uma montagem em si. Com isso, seriam

contempladas, por exemplo, as competências gerais 2 e 8 de Arte* da BNCC, que tratam das linguagens artísticas e práticas integradas e do desenvolvimento de um trabalho coletivo e colaborativo.

Além disso, a complexidade do trabalho oferece aos estudantes diferentes possibilidades de engajamento ativo no processo de criação, já que envolve habilidades diversas num mesmo projeto, estimulando também o senso de autonomia, coletividade e o aprendizado na troca entre pares. O processo de dramatização, em si, estimula o contato ativo com diferentes conhecimentos e habilidades. É o que afirma, por exemplo, a pesquisadora Márcia Coelho:

Embora o teatro na educação seja ainda pouco explorado pelas escolas no Brasil, ele é, sem dúvida, uma atividade pedagógica que promove não só a inclusão, mas também a socialização dos alunos no ambiente escolar, de forma produtiva. Amplia o universo cultural e o desenvolvimento das diversas habilidades como a interpretação e produção de texto, a leitura oral, a criatividade, as inteligências musical, intra e interpessoal e a cinestésica (COELHO, 2014, s. p.).

Há diversas maneiras de conduzir uma proposta como essa. Pode-se partir da leitura de alguns trechos de peças de Shakespeare para apresentar aos jovens as especificidades do texto dramático, como a ausência de narrador, o foco nas falas dos personagens e o uso de rubricas com instruções cênicas específicas. Em seguida, o desafio será os estudantes adaptarem *O Fazedor de Velhos* para o teatro. Para esse momento, seria interessante segmentar a peça, traçando com os estudantes um esboço mais genérico do roteiro, no qual se possam distribuir as ações mais significativas do livro em um número específico de cenas — que pode ser definido de acordo com a disponibilidade de tempo e recursos para a constituição da apresentação final. Aqui, convém explicitar aos estudantes eventuais limitações para a produção de cenários ou para o tempo de duração da peça. Também é necessário alertá-los sobre a necessidade de sintetizar o livro, selecionando os acontecimentos

* 2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações (BRASIL, 2018, p. 198).

8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes (BRASIL, 2018, p. 198).

mais relevantes do enredo para compor a peça, já que ela evidentemente não poderá conter todos os eventos relatados no livro.

Uma vez esboçado esse primeiro roteiro, podem-se dividir os estudantes em grupos de trabalho, de modo que alguns cuidem da redação das falas e rubricas de cada cena; outros da criação do cenário; e outros da montagem concreta da peça, pensando em elementos como figurino, iluminação e trilha sonora. Com o texto finalizado, é possível designar grupos de atores, assistentes de palco, responsáveis pela sonoplastia etc. Uma vez pronta a encenação, seria interessante promover um evento de apresentação que envolva a comunidade escolar de forma mais ampla, de modo a valorizar o processo de trabalho coletivo dos adolescentes.

Trata-se, portanto, de uma proposta que contempla diversas habilidades específicas, tanto em Língua Portuguesa como em Arte. Dada sua amplitude, portanto, a proposta pode ainda ser reduzida ou segmentada, de modo que enfoque apenas aspectos específicos do trabalho que se queira sublinhar. As etapas iniciais, por exemplo, incluem dimensões mais marcadas de atuação da área de Língua Portuguesa, que prevê, por exemplo, a habilidade EF69LP50*, que trata de elaborar um texto teatral, adaptando romances, contos, narrativas etc., com utilização do discurso direto e explicitação de características físicas e psicológicas dos personagens, por exemplo.

As etapas de montagem, por sua vez, contemplariam mais especificamente o trabalho com as habilidades específicas de Arte EF69AR26** e EF69AR28***, que preconizam a exploração da composição dos acontecimentos cênicos e a investigação das diferentes funções teatrais.

* EF69LP50: Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática (BRASIL, 2018, p. 159).

** EF69AR26: Explorar diferentes elementos envolvidos na composição dos acontecimentos cênicos (figurinos, adereços, cenário, iluminação e sonoplastia) e reconhecer seus vocabulários (BRASIL, 2018, p. 209).

*** EF69AR28: Investigar e experimentar diferentes funções teatrais e discutir os limites e desafios do trabalho artístico coletivo e colaborativo (BRASIL, 2018, p. 209).

Bibliografia comentada

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/Cosed/Undime, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 8 jun. 2022.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC**: contexto histórico e pressupostos pedagógicos. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: https://bit.ly/TCT_BNCC. Acesso em: 12 jul. 2022

COELHO, Márcia Azevedo. Teatro na escola: uma possibilidade de educação efetiva. **Questões contemporâneas**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/fazedor-uerj>. Acesso em: 8 jul. 2022.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

Uma contribuição valiosa tanto para ampliar as referências sobre a relação entre escola, leitores e livros, como para refletirmos sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

A obra propõe um conjunto de reflexões sobre o ensino de leitura, analisando os fatores que podem conduzi-lo ao sucesso ou ao fracasso, como o contexto das práticas de ensino e a escolha de textos.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002. Disponível em: https://bit.ly/notas_experiencia. Acesso em: 3 ago. 2022.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2013.

Um importante material para consulta, a obra tem verbetes sobre literatura, com definições, informações diversas e aspectos históricos relacionados aos termos.

Sugestões de leituras complementares

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual.

Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

Uma análise da produção editorial para crianças e jovens, com base em 150 obras publicadas na Espanha para leitores entre cinco e quinze anos. Colomer apresenta as inovações temáticas e as formas de narrativas de diferentes períodos, estabelecendo relações e expondo elementos preciosos à compreensão da produção editorial destinada a infância e juventude.

DONADONI, Marcilene Moreira. **Uma leitura de *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo**

Lacerda. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) — Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2016. Disponível em: **<https://bit.ly/ufms-fazedor>**. Acesso em: 6. jul. 2022.

Pesquisa e análise literária de *O Fazedor de Velhos* que reúne uma série de informações relevantes sobre o autor e sobre suas obras, além de formular consistentes hipóteses de leitura a respeito do enredo em sua relação com temas típicos dos romances de formação.

SHAKESPEARE, William. **Rei Lear**. Tradução: Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Uma das peças mencionadas de forma mais significativa no enredo de *O Fazedor de Velhos*, em uma tradução bastante cuidadosa, com textos que contribuem para melhor apreciação da obra.